

## Apresentação

A Revista Intexto inicia sua primeira edição de 2019 com novidades e textos que evidenciam temas contemporâneos e essenciais à pesquisa em Comunicação. O Código de Ética da revista foi atualizado, a fim de explicitar os parâmetros esperados de autores, editores, leitores e revisores. Além disso, a publicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul passou a adotar os fluxos da *Committee on Publication Ethics* (COPE) para a investigação e a resolução de possíveis conflitos.

Neste número da Intexto, estudos sobre jornalismo, política, cidadania, imaginário, cinema, televisão e redes sociais são apresentados em uma entrevista, treze artigos e uma resenha. Mais uma vez, a revista reúne variedade temática e diversidade teórico-metodológica para explorar questões que reivindicam abordagens complexas e rigor científico.

Na entrevista desta edição, o professor Marco Roxo (Universidade Federal Fluminense) discorre sobre os formatos e significados associados à mediatização de grandes eventos esportivos por emissoras de TV. Em resposta às questões propostas por Ciro Augusto Francisconi Götz (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), o pesquisador aborda a relação entre a Copa do Mundo de futebol masculino e o tema da nacionalização, bem como a questão da autoridade jornalística e seu papel de mediação.

Já o primeiro artigo deste número, **O pano verde da ilusão: o imaginário e o jogo ilegal**, explora a linguagem dos depoimentos de jogadores compulsivos para explicar a relação simbólica deles com o mundo. Os autores, Elza Kioko Nakayama Nenoki Couto (Universidade Federal de Goiás) e Anderson Nowogrodzki da Silva (Universidade de Brasília) examinam as imagens míticas que podem ser depreendidas de significantes linguísticos e refletem sobre o trajeto antropológico do imaginário do jogador de jogos ilegais, com base nos pressupostos teóricos de Gilbert Durand.

Na sequência, André Melo Mendes (Universidade Federal de Minas Gerais) e Raquel Dornelas (Universidade do Estado Rio de Janeiro) apresentam o texto **De qual muçulmano estamos falando? Ancoragem e objetivação na representação do islamita pela revista Istoé**. Este trabalho busca compreender de que modo os muçulmanos foram representados

pelas páginas da revista semanal Istoé, no contexto dos atentados terroristas que ocorreram na França em 2015. Com base na Teoria da Representação Social, de Serge Moscovici, os autores operacionalizam os conceitos de ancoragem e objetivação e apresentam categorias de representação dos muçulmanos nas duas edições do periódico jornalístico analisado.

Para refletir sobre as experiências de vida de imigrantes lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros que residem no Brasil, Hadriel G. S. Theodoro e Denise Cogo (Escola de Propaganda e Marketing de São Paulo) discorrem sobre dinâmicas comunicacionais e sua relação com o exercício da cidadania no artigo **Fluxos migratórios, comunicação e cidadania: sobre vivências de imigrantes LGBT na cidade de São Paulo**. Por meio de narrativas autobiográficas, o texto problematiza as discriminações a pessoas LGBTs e as (in)visibilidades presentes no processo migratório.

O quarto artigo desta edição, **Rupturas performáticas em sites de redes sociais: um olhar sobre fissuras no processo de apresentação de si a partir de e para além de Goffman**, propõe olhar para momentos de rupturas performáticas, quando as intencionalidades dos atores causam efeitos inesperados – um aspecto da perspectiva dramatúrgica do sociólogo canadense pouco explorado. Partindo da análise exploratória de dois casos, Beatriz Brandão Polivanov (Universidade Federal Fluminense) e Fernanda Ariane Silva Carrera (Universidade Federal do Rio de Janeiro) sustentam a necessidade de incorporar outras bases teóricas às reflexões de Goffman para entender as especificidades dos ambientes digitais.

Focado no tema da cultura empreendedora como processo para além da atividade econômica e atinente a práticas sociais mais amplas, o trabalho **Empreendedorismo, infância e celebridades: análise dos discursos do empreendedorismo voltado às crianças** é assinado por Vander Casaqui (Universidade Metodista de São Paulo), Fernando Matijewitsch e Camila Brandão Simurro Figueiredo (Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo). Neste estudo, a intersecção entre empreendedorismo, infância e celebridades é explorada a partir de um quadro teórico baseado nas teses de Dardot e Laval sobre a sociedade neoliberal e na teoria do novo espírito do capitalismo de Boltanski e Chiapello.

Do tema da infância, a edição passa à temática do movimento estudantil secundarista no artigo **“De tanto poupar em educação ficaremos ricos em ignorância”: contranarrativas juvenis no movimento de ocupação de escolas no RS**. De autoria de Araciele Maria Ketzer e Rosane Rosa (Universidade Federal de Santa Maria), o texto

investiga como estudantes secundaristas do Rio Grande do Sul mobilizaram-se e apropriaram-se das redes sociais para construir uma comunicação de resistência e sua autorrepresentação. Para tanto, utiliza diversas abordagens metodológicas, como a pesquisa exploratória, entrevistas semiestruturadas e observação online-sistemática.

Também focado em questões relativas ao ensino, o estudo subsequente trata da eficácia, amplitude e aplicabilidade do modelo da estrutura dramática em três atos, conhecido como o “paradigma”, termo cunhado por Syd Field. Em **Três é demais? Problematizando a estrutura em três atos no ensino de roteiro**, Alfredo Suppia e Natasha Romanzoti (Universidade Estadual de Campinas) problematizam também o influente modelo da “jornada do herói”, de Christopher Vogler, em sua eventual combinatória com o “paradigma”.

Ainda no campo da pesquisa sobre audiovisual, Kéliana Braghini e Sonia Montañó (Universidade do Vale do Rio dos Sinos) propõem um olhar para as narrativas que circulam em plataformas de vídeo na web. No artigo **Software, dado e algoritmo como formas culturais na Netflix**, as autoras buscam compreender como os bancos de dados e os algoritmos constituem-se em formas culturais e de que maneira impactam o modo pelo qual o audiovisual da Netflix se enuncia. Para isso, articulam a metodologia das molduras e os pressupostos de autores que abordam as mídias na perspectiva tecnocultural.

As novas tecnologias também merecem atenção no trabalho de José Bonifácio do Amparo Sobrinho, Marcel Ayres e José Carlos Santos Ribeiro (Universidade Federal da Bahia) sobre interações sociais mediadas por dispositivos móveis. O artigo **Percepções sobre presença social em interações mediadas por dispositivos de comunicação móveis** apresentam dados provenientes de uma pesquisa realizada com 120 jovens universitários de seis cidades brasileiras e apontam dificuldades na percepção da presença social devido à sobreposição de demandas e expectativas sociais derivadas das interações via dispositivos móveis e face a face.

No décimo artigo desta edição, **Uma voz que se propaga: Ações de Social TV e propagabilidade através do The Voice US**, Mateus Vilela (Associação Beneficente da Indústria Carbonífera de Santa Catarina) investiga as sinergias entre audiência, emissores e redes sociais. O estudo, centrado na análise do talent show norteamericano The Voice, discorre sobre estratégias envolvendo aplicativos, vídeos de bastidores, spoilers, linguagem coloquial, hashtags e possibilidades de alteração do fluxo narrativo, por meio de pesquisa bibliográfica e análise documental.

O tema do jornalismo – desta vez relacionado à informação política – retorna no texto de Paula de Souza Paes e Karina Janz Woitowicz (Universidade Estadual de Ponta Grossa), **A produção de informação em Brasília: os bastidores da política no blog da jornalista Andréia Sadi**. Nele, as autoras estudam a produção de informação política nos blogs brasileiros, por meio da análise de artigos publicados no blog da jornalista Andréia Sadi, repórter da GloboNews. Ao caracterizar as relações de interdependência entre jornalistas especializados em política e políticos, o artigo indica um possível paradoxo formado pela visibilidade crescente do jornalismo político e pelo desprestígio da informação política.

Fechando o conjunto de artigos deste número da Intexto, **“Utopia no fim do homem soviético”** aborda a obra da escritora e jornalista Svetlana Aleksievich, na perspectiva do jornalismo literário. Os autores do texto, Ercio do Carmo Sena Cardoso e José Milton Santos (Universidade Católica de Minas Gerais), interpretam o trabalho de Aleksievich por meio de falas cotidianas que abordam o fim do socialismo na União Soviética, definindo categorias de análise e destacando excertos da obra considerados representativos.

Ainda, a presente edição publica a resenha **Para superar a dicotomia entre jornalismo e engajamento político**, assinada por Kamila Bossato Fernandes (Universidade Federal do Ceará/ Universidade de Minho), sobre o livro *Journalism as activism - recoding media power*, da pesquisadora norte-americana Adrienne Russell. Explorando as intersecções entre a prática jornalística e o ativismo, a partir de experiências em protestos, a obra resenhada mostra como valores relacionados ao engajamento político passaram a influenciar a produção de informações e a transformar a lógica da mídia.

Boa leitura!

Basilio Alberto Sartor  
Alexandre Rocha da Silva  
Suely Fragoso  
**Comissão Editorial Intexto**